

A SEVERA

Peça em 4 actos de JÚLIO DANTAS. Publicada em 1901 (várias reedições; tradução em espanhol e alemão; adaptada a opereta por André Brun, com música de Filipe Duarte, a zarzuela por Federico Romero e Guillermo Fernández-Shaw, com música de Rafael Millan, e ao cinema por Leitão de Barros em 1931).

Representada pela primeira vez no Teatro de D. Amélia em 25 de Janeiro de 1901.

[...]

3 cenas: «um café de lepes, na Mouraria, ao topo da rua do Capelão, coito de bolieiros, alquiladores, marchantes e galdranas» (1.º acto); «loja assobradada em casa da Severa, em plena Mouraria» (2.º e 4.º actos); «o pátio de entrada do palácio do Conde de Marialva» (3.º acto). Acção em Lisboa, por meados do século XIX.

Num café de lepes na Rua do Capelão, vários homens falam da tourada desse dia, em que irá actuar o Conde de Marialva, e da «Severa», aliás Maria Onofriana Severa, cigana de extraordinária beleza, que aparecera ali nessa noite para cantar o fado, o que faz como nenhuma outra. Chegam Marialva e D. José, seu companheiro inseparável. Uma Marquesa, embora casada, persegue o Marialva e pára à porta do café numa sege para o levar. Marialva vai com ela. É então que surge a Severa, mulher de faca na liga e verbo desenvolto, mas com um coração de ouro. Gasta o dinheiro que recebe, prostituindo-se, em paródias e esmolas para os mais infelizes. Custódia, um semi-louco miserável e aleijado, espera dela uma esmola... mas de amor. É troçado por toda a gente. Em contrapartida, o alquilador Romão pretende conquistá-la com o seu dinheiro. Perante o entusiasmo geral, a Severa canta o fado. Chega D. João, e depois de breve despique entre os homens, que querem todos dormir com ela a Severa escolhe para essa noite o Marialva. Romão não desiste de perseguir a Severa, que pretende levar consigo para o Alentejo, oferecendo-lhe uma vida de rainha. Mas a Severa corre com ele. E enquanto ceia com o fiel Custódia e Chica, outra prostituta que ela protege, chegam Marialva e D. José. Cena de ciúmes por causa do Custódia. Marialva está só de passagem, porque vai a um baile, mas acaba por passar a noite com a irresistível Severa. Custódia é expulso por ele, mas daí a pouco aparece na rua com Romão, desafiando o Marialva. Este leva uma facada de Custódia. Acabada a luta, Severa canta o fado pela noite fora em companhia do Marialva. Num dia de tourada o Marialva que entretanto pôs casa à Severa num 1.º andar do Campo de Sant'Ana: ordena que não deixem entrar ninguém no pátio contíguo à arena, de onde a Marquesa assistirá à corrida, pois teme que a Severa, apesar de ter ficado fechada à chave em casa venha a encontrar-se com ela. Começa a tourada e Marialva sai para as cortesias. Mas a Severa saltou por uma janela e vem defrontar a Marquesa. Cena de ciúmes entre ambas onde a Severa leva a melhor. Vexada, a Marquesa retira-se. Custódia, numa última tentativa de conquistar a Severa e igualar-se ao Marialva na valentia, sai à praça e mata o touro com uma navalha, estragando a «sorte» do Conde e ficando muito ferido. Marialva, furioso, tenta dar cabo dele, mas a Severa defende-o. Marialva atira-se de encontro à parede. Mas a Severa sofre de angina de peito, e pressente que aquele golpe a levará à morte. Assim é. Agonizante, sob a vigilância desvelada do Custódia, que a acompanha dia e noite, a Severa anseia pela vinda do Marialva, que a abandonou. Romão insiste em

levar a Severa consigo. Até que por fim aparecem D. João e D. José. Grande cena de dor e arrependimento do Marialva. A Severa pede a guitarra para cantar pela última vez. E morre cantando. Com a Severa morre a maior fadista da Mouraria, morre o próprio fado...

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 254.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqt^a Paula Silva.